



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Simões Minella, Luzinete; Scheibe Wolff, Cristina

A REF celebra uma década e meia

Revista Estudos Feministas, vol. 16, núm. 1, enero-abril, 2008, pp. 7-11

Universidade Federal de Santa Catarina

Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38114359001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A REF celebra uma década e meia

O presente número comemora os 15 anos da *Revista Estudos Feministas*, e, por isso mesmo, além das seções habituais, incluímos uma seção especial que resulta da reunião dos artigos apresentados durante o "Colóquio Estudos Feministas e Políticas Sociais: a Contribuição da *Revista Estudos Feministas* – 15 Anos", realizado nos dias 8 e 9 de novembro de 2007 na Universidade Federal de Santa Catarina. Esses artigos discutem vários aspectos da trajetória da Revista desde a sua criação, em 1992, até o presente momento, destacando os significados do seu papel no âmbito do debate teórico e político atual.

Ao celebrar os 10 anos da REF no editorial do volume 10, número 1 de 2002, ressaltamos a importância de alguns dos acontecimentos políticos ocorridos em 1992 que tiveram um forte impacto mundial. Dentre tais acontecimentos, destacamos o intenso clima de mobilização civil tanto no plano nacional quanto no internacional que resultou no *impeachment* do presidente Collor, na dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na eleição de Bill Clinton para a presidência dos Estados Unidos e no fim do regime de *apartheid* na África do Sul.

Paralelamente, lembramos hoje que o movimento feminista dava sinais de uma vitalidade surpreendente no país, como mostram alguns exemplos de ações e eventos desencadeados na época: a Fundação Carlos Chagas havia divulgado o resultado do IV Concurso de Pesquisa sobre Mulher, selecionando 27 projetos; o Geledés – Instituto da Mulher Negra, juntamente com o Comulher (organização de mulheres que atuavam na área da comunicação), lançaram o vídeo *Todos os dias são seus*, sobre os perigos da AIDS. Esse vídeo foi um dos premiados pela Associação Brasileira de Vídeo Popular em 1991.

Também era lançado o documento *Gênero e Universidade* com os resultados do I Encontro de Núcleos Universitários sobre Relações Sociais de Gênero, realizado nos dias 25 e 26 de março de 1991, na Universidade de São Paulo. A partir dos debates ocorridos nesse encontro, que reuniu cerca de vinte núcleos, foram elaborados três projetos: Rede de Documentação sobre Mulher e Gênero, Curso Itinerante sobre Relações de Gênero e Rede de Pesquisadoras Feministas.

Enquanto isso, no exterior, entre outros acontecimentos importantes, em novembro de 1992 ocorreu na Sorbonne (Paris) o colóquio "Femmes et Histoire", organizado por Georges Duby e Michelle Perrot e pelas diretoras da publicação *L'Histoire des Femmes en Occident*. Tanto o evento quanto a publicação contribuíram significativamente para uma crítica científica às visões tradicionais acerca da situação das mulheres no decorrer da história.

Em meio a essa conjuntura inovadora em muitos aspectos, não por acaso, o famoso número zero da Revista abordava vários temas candentes, e o primeiro dossiê discutia as relações entre mulheres e meio ambiente, sintonizando-se com as bandeiras da ECO-92.

No mesmo editorial, lembramos que os 10 anos da Revista ocorriam "em meio a uma conjuntura internacional estremecida pelos impactos de pelo menos três acontecimentos: os atentados terroristas de 11 de setembro às torres gêmeas em Nova York e ao Pentágono; a (in)conseqüente e polêmica reação do governo norte-americano, conhecida como 'guerra contra o terrorismo'; e o recrudescimento da dimensão étnica e religiosa de alguns conflitos mundiais, particularmente entre árabes e judeus".¹

Assinalamos ainda que, no plano nacional, os principais gestores do país continuavam estimulando as privatizações, evidenciavam dificuldades de respostas diante de uma série de reivindicações populares e restringiam os investimentos na área social, enquanto a sociedade civil se mobilizava em torno da eleição presidencial, com um crescente contingente de mulheres se envolvendo direta ou indiretamente nos processos eleitorais. A década, dizíamos, assistia à expansão das organizações e das publicações feministas, bem como dos núcleos de pesquisa na área.

Muitos exemplos de eventos ligados a essa expansão poderiam ser mencionados. Ressaltamos aqui apenas alguns deles: a realização da Conferência Nacional das Mulheres Brasileiras (CNMB), em junho de 2007, em Brasília; e o I Encontro Brasileiro de Publicações Feministas e o Encontro Internacional Fazendo Gênero 5: Feminismo como Política, realizados, respectivamente, em agosto e outubro, em Florianópolis, Santa Catarina. No mesmo mês, realizava-se a IV Conferência Internacional da Rede de Perspectivas Feministas para a Bioética em Brasília, enquanto em dezembro, em San José, Costa Rica, ocorria o 9º Encontro Feminista da América Latina e Caribe.

Respondendo direta ou indiretamente às vibrações dessa expansão, o número 1 de 2002 discutia as relações entre

¹ COSTA, Cláudia de Lima; MINELLA, Luzinete Simões. "Editorial – Revista Estudos Feministas: 1992-2002, a primeira década". *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, 2002. p. 6.

feminismo e modernismo; feminismos e marxismos; neozapatismo e resistência cibernética; as teorias em disputa; as relações entre gênero, identidade, imigração e crítica cultural, e o Dossiê reunia um conjunto de textos sobre a III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlatas, realizada em 2001, em Durban, África do Sul.

Em 2007, a Revista completou seus 15 anos em meio às complexas redefinições da geopolítica internacional em função dos desdobramentos de antigos conflitos e do surgimento paralelo de novas áreas de tensão, que desestabilizam fronteiras, expandem a violência e a exclusão e atingem duramente o meio ambiente. Nesse movimentado contexto, no qual são reinventadas as relações entre o local e o global, celebram-se os 40 anos do maio de 1968 e os 40 anos da morte de Che Guevara, e as diferentes tendências dos movimentos feministas redefinem permanentemente sua agenda política, desenhando suas clivagens de modo peculiar: ora transversalizando suas pautas, ora divergindo; ora dialogando com o Estado, ora dele se afastando; negociando com outros movimentos ou reforçando suas pautas específicas, etc.

De um modo ou de outro, a vitalidade desse processo pode ser testemunhada através de exemplos de eventos que ocorreram em 2007: no mês de agosto aconteceram o Simpósio de Arqueologia de Gênero na Cidade do México, e em Quito, Equador, o Fórum das Redes, Articulações e Campanhas do Movimento de Mulheres e Feministas da América Latina e Caribe. No Brasil, no mesmo mês, três eventos chamaram especial atenção: em Minas Gerais, a I Assembléia das Guerreiras Mulheres Indígenas do Leste e Nordeste; em Salvador, Bahia, o encontro “Brasil e Colômbia: Anti-Racismo e Políticas LGBT”; e, em Brasília, a II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres.

Setembro também foi um mês pródigo em realizações. O Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades da Universidade Federal de Santa Catarina (NIGS/UFSC), juntamente com a Rede Parceria Civil, Conjugalidade e Homoparentalidade no Brasil, realizaram o Seminário “Homofobia, Identidades e Cidadania LGBTTT”. Enquanto isso, na Universidade de Berna, Suíça, acontecia o Colóquio Internacional Gender – Genre – Geschlecht: Travelling Concepts, e em Buenos Aires ocorria a V Jornadas de Estudios de la Mujer y Gênero promovidas pela área de Estudios de la Mujer y de Gênero (AEMyG). No mês de outubro, realizava-se em Córdoba, Espanha, o XXII Encuentro Nacional de Mujeres.

Debatendo várias das questões que integraram, de um modo ou de outro, a pauta desses eventos, o número atual traz na primeira seção um conjunto de artigos que contribuem para continuar a desestabilização dos paradigmas científicos desencadeada pelas teorias e pelos movimentos feministas.

Magali Mendes de Menezes apresenta um artigo em que analisa três importantes obras do filósofo Emmanuel Lévinas, procurando compreender como o feminino aparece em suas reflexões e que significação assume diante do sujeito, da subjetividade e do pensamento sobre a ética.

O artigo seguinte, por sua vez, realiza um exame de três obras pictóricas de Frida Kahlo. Fabiano Seixas Fernandes promove, a partir da análise dessas telas, uma discussão sobre a territorialização da memória através da noção de mapa íntimo e mostra também a problematização da relação nacional/ estrangeiro no trabalho de Frida Kahlo.

“Quem pode resistir a Lara Croft? Você?” Com esta pergunta, Cláudio Lúcio Mendes discute como o jogo eletrônico *Tomb Raider* constrói processos de subjetivação em relação a gênero e sexualidade e mostra como as marcas (de gênero e sexualidade), culturalmente construídas, são empregadas nas elaborações da personagem central do jogo, Lara Croft, através de um jogo de subjetivação.

Em “Corpo e gênero: uma análise da revista *TRIP Para Mulher*”, Auxiliadora Aparecida de Matos e Maria de Fátima Lopes nos remetem às crenças, às representações e aos significados do que é ser homem ou mulher em nossa sociedade, a partir de uma perspectiva feminista dessa revista com um nome tão sugestivamente direcionado à influência do corpo sobre o comportamento feminino – *TPM*.

Para marcar o aniversário da *REF*, em seguida constam os artigos da seção especial sobre os seus 15 anos. Conforme mostram as organizadoras Luzinete Simões Minella e Sônia Weidner Maluf na apresentação, os textos incluídos enfocam a história da Revista, destacando vários aspectos sobre o seu papel no campo feminista e de estudos de gênero no decorrer de sua publicação.

Na seção Ponto de Vista, temos um ensaio e uma entrevista. No polêmico ensaio “¿Violencia invisible o del éxtasis al dolor?”, a autora cubana Lourdes Fernández Rius discute a relação entre a valorização dos papéis masculinos e femininos na sociedade patriarcal e as fantasias de amor nas relações conjugais que frequentemente implicam submissão feminina e violência masculina. A entrevista, realizada por Carmen Rial, com Azadeh Kian-Thiébaud, aborda a luta feminista no Irã, que, como país muçulmano, tem sido palco de grandes polêmicas em relação aos direitos das mulheres. A entrevistada, que é iraniana, dirige atualmente o Centre d’Enseignement, de Documentación et des Recherches pour les Études Féministes (CEDREF) da Universidade Paris VII.

Temos ainda neste número os artigos temáticos reunidos sob o título “A contribuição do feminismo às pesquisas sociológicas contemporâneas”, organizados por Eleonora Menicucci de Oliveira. Tais artigos apresentam várias

perspectivas sobre as interações entre os feminismos e a pesquisa em ciências sociais no Brasil, a partir do ponto de vista de autoras representativas do campo dos estudos feministas no país.

As resenhas são várias e envolvem temas como a conjugalidade, a história das mulheres, do corpo e das descobertas sobre as diferenças genéticas entre homens e mulheres e os ecos feministas na filosofia portuguesa, mais uma vez refletindo a vastidão dos estudos feministas e de gênero e a profusão de publicações atuais nesse campo.

Para encerrar este número, publicamos uma homenagem a Heloneida Studart, ex-deputada, escritora e jornalista, autora do livro *Mulher, objeto de cama e mesa*, que chegou a ter vendidos quase 300 mil exemplares em suas 53 edições. A homenagem inclui uma pequena entrevista feita com ela por Roselane Neckel e um texto biográfico escrito por Cecília Cunha. Queremos que esse espírito de guerreira tão bem encarnado por Heloneida em sua vida de lutas, de solidariedade e de escrita provocativa continue pairando sobre as mulheres e sobre a *Revista Estudos Feministas* durante muito, muito tempo.

Luzinete Simões Minella e Cristina Scheibe Wolff